

SEXO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas

2

SEX AND SEXUALITY IN CHILDREN EDUCATION: interfaces that involve pedagogical practices

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza

Pedagoga do Instituto Federal de São Paulo, Campus São Carlos. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989).

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal

Professor Doutor nos programas de Pós-Graduação em Educação Sexual e Educação Escolar da UNESP, Araraquara. Livre-Docente em Sexologia e Educação Sexual e Educação Escolar pela UNESP, Pós-Doutor em Saúde Mental pela UFRJ. Doutor em Saúde Mental pela UNICAMP. Mestre em Educação pela UNICAMP. Graduado em Psicologia pela PUCCAMP.

RESUMO

O presente estudo trata de uma reflexão sobre a concepção de infância presente no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, objeto de pesquisa proposto, verificar que as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar podem reforçar estereótipos construídos historicamente nas relações sociais. Entre as contribuições este trabalho pode trazer para a comunidade científica estão: colocar em evidência um objeto ainda pouco explorado no meio acadêmico; trazer elementos para a reflexão que possam nortear a reformulação de currículos em cursos de formação de professores; favorecer a proposição e implementação de cursos de formação continuada em educação sexual para educadores; trazer à tona, o debate sobre o processo de socialização de crianças pequenas que ocorre no interior de instituições de educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; relações de gênero; sexualidade; práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The present study deals with a reflection on the conception of childhood present in the National Curriculum Framework for Early Childhood Education (RCNEI), object of proposed research, to verify that the pedagogical practices developed in the school space can reinforce historically constructed stereotypes in social relations. Among the contributions this work can bring to the scientific community are: to highlight an object still little explored in the academic environment; to provide elements for reflection that may guide the reformulation of curricula in teacher training courses; to promote the proposal and implementation of continuing education courses in sex education for educators; to bring up the debate about the process of socialization of small children that takes place within institutions of early childhood education.

Keywords: Infant Education; gender relations; sexuality; pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata do levantamento documental e bibliográfico e buscou atingir as seguintes etapas: escolha das fontes primárias, leitura das fontes, coleta de dados e análise dos dados e interpretação, constituídos com base no referencial teórico adotado. A metodologia proposta é de abordagem qualitativa, tendo o intuito, por meio da análise documental, de levantar os conceitos e decorrências dos modos de ver e conceber as crianças presentes no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RCNEI. Entender a concepção de infância presente no RCNEI produzido em 1998 é o centro da questão. Procura-se realizar uma reflexão histórica acerca das concepções de infância presentes nas políticas educacionais brasileiras. Sendo assim, o presente artigo volta-se com maior intensidade para compreender a concepção de infância presente nos RCNEI por meio das principais ideias contidas nos três volumes que compõem o documento. Como referencial teórico que orienta esta pesquisa, foram realizadas análises que buscam, especificamente, identificar quais os temas que mais aparecem, quais os autores mais citados, como a criança é vista, quais as problemáticas que mais insurgem, o que o documento prescreve sobre a formação, qual criança o documento se propõe a formar. Em especial, procura-se identificar a noção de infância e de criança e a função da Educação Infantil presentes no mencionado documento.

Quando falamos em infância, não podemos nos referir a esta etapa da vida como uma abstração, e sim como um conjunto de fatores que institui determinadas posições que incluem a família, a escola, pai, mãe, entre outros que colaboram para que determinados modos de pensar e viver a infância. Ao verificarmos que desde o século XII até início do século XX, a sociedade vem indicando conceitos e modelos para infância, além de mecanismos que a valorizem, especialmente a infância pobre e desvalida, pois de acordo com a obra de Ariès (1978), o sentimento sobre a infância se dá nas classes mais nobres da sociedade. Já a criança pobre continua a não conhecer o verdadeiro significado da infância, ficando assim a mercê da própria sorte. Apesar desse conjunto de desigualdade persista ao longo dos séculos, a partir do conhecimento do verdadeiro significado da infância, a sociedade vem buscando mecanismos através dos programas sociais, assistenciais e filantrópicos cujo objetivo é reparar erros, desde a idade medieval, passando pela contemporânea, até a sociedade atual, de descasos com a infância e adolescência.

CONCEITUANDO SEXO E SEXUALIDADE

A Construção histórico-social da infância surge de diferentes representações que as crianças receberam no decorrer da história da humanidade, o significado à criança é dado pela representação que o adulto dá a ela em suas relações, crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas.

Kramer,(1992), aborda que o conceito de infância tem sido construído historicamente e reflete os valores presentes na sociedade em diferentes períodos da Idade Média, as crianças que sobreviviam eram afastadas da família, logo após o nascimento, sendo criadas por amas de leite, no caso das famílias ricas e iniciavam no mundo do trabalho muito cedo a "Infância" - infante. O prefixo "in" significa negação e "fante" derivado do verbo latino "fare" significa falar/dizer, portanto, infante significa aquele que não fala. -Foi na Idade Moderna que a infância se constituiu como uma categoria social (Séc. XVII – XVIII). Esta noção surgiu com a sociedade capitalista na Revolução Industrial, Renascimento e era diferente, de acordo com a condição social da criança. Não havia uma percepção de transição da infância para a fase adulta.

A obra de Ariès (1978) nos ajudou entender que os problemas sociais atualmente existentes, e que afetam crianças e adolescentes

pobres, são os mesmos do século XII. São, no entanto, interpretados e analisados de maneira diferente ao longo dos anos, o que proporcionou a busca de meios mais eficazes para combater o descaso com a infância através de políticas públicas, tendo em vista o seu reconhecimento e valorização. Também notamos na obra de Ariès (1978), que a concepção da infância está associada às formas de intervenção social, inseridas em práticas de regulação e controle da segregação de classes sociais, pois os estágios da infância propriamente dita se deram primeiramente nas classes sociais favorecidas economicamente, enquanto as crianças advindas de famílias pobres ficavam a mercê da própria sorte, fato este que perdura até nossos dias atuais., as crianças eram adultos em miniaturas no Século XX (1905) – A partir de Sigmund Freud, novas teorias acerca da sexualidade infantil: uma nova forma de olhar para ela: não como problema, mas como fase transitória para a idade adulta. A vigilância e o controle exercido sobre a sexualidade adulta se voltam para a sexualidade infantil: ideia de fragilidade e pureza é fortemente instaurada e assimilada na nossa cultura. “Foi aos poucos que a associação entre sexualidade, vergonha e embaraço se tornou predominante” (Camargo e Ribeiro, 1999). A ideia distorcida, preconceituosa e carregada de negatividade que permanece ainda hoje acerca do sexo, aliada a uma história de repressão sobre infância, faz com que tenhamos, ainda, tantas dificuldades para lidar de forma tranquila com as expressões da sexualidade infantil.

O Sexo, algumas definições: define a constituição genética da pessoa, sua marca biológica, hereditária, suas características morfológicas e fisiológicas; caracteriza um conjunto de pessoas que têm a mesma conformação física, relaciona-se à nossa condição orgânica que nos define e nos diferencia enquanto “machos”, “fêmeas” e “intersexuais”, seja em seres humanos, plantas ou animais; também denominado de órgãos sexuais/genitais ou ao ato sexual/coito é visto a partir de características anatômicas, biológicas e físicas, marca a identidade sexual de cada pessoa, comumente e muitas vezes erradamente, define também a identidade de gênero, é equivocadamente, visto como sinônimo de sexualidade

A Sexualidade marca humana, que nos acompanha por toda a vida. envolve o sexo, a identidade, os papéis de gênero, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução; vivida e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações e composta por várias fontes e influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais,

históricos, religiosos e espirituais, marca os papéis de gênero existentes na sociedade e, conseqüentemente, as relações de gênero. Sexualidade Fantasias Relações.

É importante termos clareza entre estes dois conceitos, evitando-se confusão e banalização do trabalho com educação sexual. Ao mistura-los, geralmente os reduzimos apenas ao sexo, que na cultura ocidental é envolto em características negativas. É importante também que percebamos que somos seres sexuados do nascimento até a morte e tudo o que vivemos está relacionado com esta dimensão.

Ela é indissociável de cada um/a de nós, a forma como andamos, pensamos, nos vestimos, falamos, nos relacionamos, enfim tudo está relacionado aos valores que nos foram ensinados, à educação sexual que recebemos formal ou informalmente. Compreender que, sendo a sexualidade uma construção cultural, social e histórica, cada um/a de nós, que fazemos parte de um determinado contexto cultural, social e histórico, que somos também responsáveis pela construção da sexualidade, mantendo ou ultrapassando os mitos, tabus e preconceitos.

Para Leonardo Boff, cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Com a sexualidade também é assim, é necessário pararmos para pensar com que olhos estamos lendo as questões que envolvem a sexualidade.

CONCEITOS, ESPAÇOS E PERSPECTIVAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

A clareza do que é efetivamente fazer um trabalho de educação sexual, em especial, a educação sexual na infância, atentar-se aos espaços em que ela acontece, identificar sob qual perspectiva/paradigma, enquadra a educação sexual que realizamos ou que está sendo realizada nos espaços que nos rodeiam. Quando o assunto é sexo ou sexualidade, de acordo com a educação sexual que cada um/a de nós recebeu, em muitos momentos sentimo-nos envergonhados. É muito importante entrarmos em contato com a nossa história, com os seus valores morais, éticos, religiosos sobre estes assuntos.

De acordo com Werebe (1998, p.139) a educação sexual "(...) compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões e valores ligados à sexualidade". Entende-se tudo o que é ensinado às crianças e aos jovens, por palavras ou por ações intencionalmente/conscientemente

ou não, sobre o que “pode” e o que “não pode”, sobre o “certo” e o “errado”, sobre o que “deve” e o que “não deve” ser falado, pensado ou vivido em relação ao sexo, à sexualidade, à percepção do corpo, aos papéis sexuais e ao gênero, assim como tudo o que não é falado sobre o assunto. A educação sexual, percebe-se pelo silêncio, que fala pelo medo, da repressão e da negatividade que envolvem este tema.

Assim como Werebe, Nunes (1987), Guimarães (1995), Ribeiro (2004) e Figueiró (2001) dentre tantos outros (as) autores que tratam desta temática, concordo com a ideia de que a educação sexual se faz pela construção de valores éticos, morais, religiosos e culturais relativos à vivência do sexo. Tudo o que é ensinado às crianças e aos jovens sobre o que “pode” e o que “não pode”, o “certo” e o “errado”, o que “deve” e o que “não deve” ser falado, pensado ou vivido em relação ao sexo, à percepção do corpo e dos papéis de gênero, é o que entendo ser um trabalho de educação sexual

A educação sexual é um processo permanente que acontece por meio da transmissão dos valores éticos, morais, religiosos e culturais acerca da vivência do sexo. Valores esses que são constituídos e construídos desde o nascimento e se mantêm ou se renovam durante toda a vida, pois o tempo todo educamos e somos educados/as em todas as nossas relações sociais: família, amigos/as, escola. De acordo Cesar Nunes (1987, p.30), “ao final da primeira infância, a sociedade já foi capaz de internalizar os discursos e comportamentos padronizados que configuram os papéis dominantes e suas formas de expressão consentidas e esperadas”.

O que é fazer um trabalho de educação sexual na infância? Fazer um trabalho de educação sexual (ES) em todos os níveis de ensino, mais especialmente na educação infantil, é muito mais do que falar de pênis, vagina, ISTs, ato sexual, gravidez, contracepção. É, também, trabalhar o conhecimento e a beleza de todas as partes do corpo humano; é apresentar a beleza da diversidade existente em todas as áreas da vida incluindo o campo sexual. É fazer uma reflexão crítica sobre as questões de gênero. É conhecer a respeitar os diferentes valores morais, éticos e religiosos das famílias e incluí-las nos projetos de ES.

Valorizar as descobertas relativas ao corpo e à sexualidade; é trabalhar os sentimentos e as emoções. O trabalho de ES é muito mais amplo e abrangente do que muito pensa-se ou compreende-se a ES informal ou “não intencional” é aquela que acontece, frequentemente, nas nossas ações diárias, sem muitas vezes nos darmos, é realizada pelas coisas que a gente fala e pelas coisas quando se cala, e está

presente em todos os espaços sociais e é realizada por meio de todas as relações interpessoais: na escola, na família, na igreja, no bairro, nos clubes. Além das relações interpessoais, acontece também: por meio da mídia (Cinema, TV, Rádio, etc.), das tecnologias digitais (computador, Tablet, Iphone, etc.) entre outros.

A Educação Sexual Formal é aquela que acontece por meio das “ações deliberadas”, pensadas, conscientes e está relacionada com as ações planejadas, pensadas e organizadas de forma intencional, buscando alcançar objetivos claros e pré-determinados, geralmente ela acontece (ou deveria acontecer) nos espaços educativos institucionais (escolas, creches, universidades).

A ES deve estar incluída no Projeto Político Pedagógico da escola, estar adequadamente estruturada no planejamento pedagógico, com objetivos e metodologias claramente definidos.

Guimarães, (1995). Aborda que a família e a escola têm o papel fundamental na educação sexual informal, porém a primeira educadora sexual informal ou não intencional ocorre dentro da família que oferece as bases da educação sexual sendo ela fundamental na construção do homem e da mulher que cada um traz dentro de si.

A Escola é importante por ser o espaço onde a criança e o/a jovem passa a maior parte do seu tempo, realiza a educação sexual também por meio do currículo oculto, reproduz e mantém preconceitos, mitos e tabus relativos à sexualidade. E a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade passa a ser o ponto de partida para se pensar a ES na escola. (Guimarães, 1995).

Ressalta-se que: A ES não formal ou “não intencional” acontece o tempo todo, por meio das coisas que fazemos, falamos e também pelas coisas que a não falamos. Nossos gestos e palavras assim como nossos silêncios são maneiras por meio das quais educamos sexualmente as crianças. As diferentes as ações que, de forma deliberada ou não, coíbem ou “normatizam” a vivência sexual, bem como as ações que incitam estas vivências. Este tipo de ES impede a capacidade individual e autônoma de escolhas conscientes, responsáveis e prazerosas da vivência sexual.

Baseia-se em normas rígidas de comportamentos tidos como “normais” ou “naturais”, discriminando a tudo e a todos/as que não se enquadram neste perfil. Essas normas são criadas e mantidas por meio de discursos produzidos culturalmente e acontece pela proibição ou pela incitação.

São múltiplos os agentes que constrói e reproduz os discursos e as estratégias responsáveis pela elaboração e manutenção dos diferentes discursos que “normatizam” e “naturalizam” ou que “incitam e supervalorizam” o sexo e a vivência sexual. Família Escola Religiões Algumas instituições promotoras de saúde (medicina, enfermagem, psicologia entre outras) Coibição Mídias (TV, Rádio, Revistas, etc.).

A Internet, as instituições promotoras de saúde, que discrimina todos/as aqueles/as que não se enquadram nos padrões de “normalidade” determinados pela cultura, desconsidera a igualdade de direitos entre homens e mulheres, coíbe ou incita a vivência sexual de forma rígida, desconsiderando as questões pessoais, sociais, econômicas e mesmo culturais que envolvem essas vivências, nega o direito ao acesso.

O direito a informação e orientação acerca do sexo e da sexualidade de forma crítica e científica, as manifestações sexuais desde a infância, banalizando as questões que envolvem o sexo e a sexualidade, abordando-as sem comprometimento político, nem ético, é uma educação sexual na perspectiva repressora.

A Educação Sexual na perspectiva Emancipadora tem como proposta a revisão crítica das normas e dos valores éticos, morais, religiosos e culturais vigentes e visa à sua transformação. Deve estar comprometida com a transformação social e com a revisão crítica da construção política, econômica, social, histórica e cultural da sexualidade.

Parte-se do pressuposto que somente pela formação e informação baseada na ciência, de forma crítica e livre de preconceitos, poder-se-á propiciar às crianças e aos jovens, possibilidades de fazerem escolhas conscientes e de tomarem decisões responsáveis e livre de preconceitos e de repressão. Não há “receitas prontas” de como fazê-la, pois, deve ser adaptada às diferentes realidades sociais e culturais.

Para Paulo Freire (2003, a Educação Emancipadora acontece por meio da educação dialógica e humanizadora, tendo como propósito a revisão crítica dos valores que permeiam a sexualidade. Nessa revisão crítica dos valores relativos à sexualidade estão implícitas a necessidade da reavaliação e conseqüente ressignificação dos valores éticos e morais da sexualidade. O respeito pelas diferenças, o direito à individualidade e à vivência sexual prazerosa, tranquila e responsável.

A consideração dos aspectos cultural, psicológico, ético e espiritual, para além do seu mero aspecto biológico/fisiológico. A urgência de se rever os programas de ES existentes nas escolas (ou a

sua inexistência) e de os incluir de forma efetiva na prática pedagógica. A necessidade de atenção aos mecanismos de repressão e de auto repressão, presentes nos espaços escolares e no contexto familiar.

O CORPO SEXUADO: UM NOVO OLHAR SOBRE OS ÓRGÃOS GENITAIS

As mensagens que repassamos quando “omitimos” ou “encobrimos” as genitálias é a de que estas são coisas “feias”, “sujas”, “proibidas e não devem ser valorizadas como as demais partes do corpo. Usamos eufemismos para designá-los. A repressão com as genitálias femininas são ainda maiores e mais visíveis e, como consequência, vemos a imagem negativa que a maioria das mulheres têm da sua vulva.

O desconforto para usar os nomes corretos dos genitais está nos adultos e não nas crianças. A descoberta dos genitais, a ereção dos meninos e o toque nos genitais por parte das crianças nos seus genitais ou nos genitais dos/as coleguinhas, em situações de brincadeiras e descobertas, são manifestações da sexualidade infantil que mais costumam constranger, incomodar ou preocupar os adultos.

Grande parte das pessoas não sabe lidar de forma tranquila com tais situações, alguns termos são usados: masturbação, “auto exploração”, “manipulação” ou “toque” nos genitais”. Optamos por usar a expressão manipulação ou toque nos genitais por parte de crianças; Esse toque pode acontecer por meio do toque com as mãos, pela fricção dos genitais em objetos (almofadas, no sofá, no chão, etc.) ou por meio das brincadeiras com os adultos (por exemplo: cavalinho - quando a criança “monta” na perna do adulto e este faz balancinhos. As descobertas do bebê faz parte do desenvolvimento psicológico e sexual saudável do bebê descobrir todo o seu corpo, incluindo as genitálias. O bebê toca seu corpo porque sente prazer ao tocá-lo e não devemos privá-lo desta experiência.

A descoberta do corpo da criança, a curiosidade e ludicidade são duas importantes características das crianças o que desperta interesse pelo seu corpo e pelo corpo do/a outro/a. Por volta dos 2-4 anos é comum a criança descobrir e brincar com os seus genitais e as vezes com os genitais dos/as coleguinhas.

É preciso ensinar a noção de privacidade: o público e o privado, também é importante buscar saber se a criança não está com alguma coceira ou infecção, deve-se explicar amorosamente que tocar nos

genitais é agradável, mas que isso não deve ser feito em lugares públicos.

Expressar que ser uma parte considerada “íntima”, devemos tocá-la apenas quando estivermos no nosso quarto, na hora do banho ou em qualquer parte da nossa casa onde estivermos sozinhos. A família deve ser orientada que quando este tipo de situação acontecer em lugares públicos, a atitude mais adequada é distrair a criança, chamá-la para uma atividade interessante e, somente quando estiver a sós com ela, orientá-la carinhosamente, conforme apontamos anteriormente.

Estes são momentos propícios para a descoberta do corpo da criança e são para trabalhar a prevenção da violência sexual: o bom e o mal toque, orientá-la: a não deixar ninguém tocar no seu corpo, sem a sua permissão. Esclarecê-la de que somente as pessoas muito próximas a ela e que são responsáveis pelos cuidados com a sua higiene, isto é: que podem tocar no seu corpo e lavar suas partes íntimas. Para que perceba os “toques do SIM” e os “toques do NÃO” e que se posicione adequadamente frente a esses toques, para que fale com um/a adulto/a sempre que alguém insistir para lhe tocar as partes íntimas de uma forma que ela não goste ou não se sinta bem.

Compreender que a manipulação dos genitais é prazerosa, é “normal”, natural e faz parte do desenvolvimento natural e saudável da criança, não se pode confundir a sexualidade infantil com a sexualidade adulta. Vários/as autores/as entendem que nem sempre, quando a criança se toca tem as “fantasias sexuais” que o adulto tem.

Em muitos momentos essa ação ajuda a criança a se acalmar. Muitas vezes a criança nem têm consciência de que está tocando os genitais. Ela os toca, com a mesma tranquilidade e simplicidade com que toca os seus cabelos, a barriga ou qualquer outra parte do corpo. A malícia está no olhar do adulto. Portanto, é importante observar quando esta atividade se torna compulsiva e o momento adequado de interferir. E nessas situações podem denotar-se sinais de ansiedade e de que alguma coisa não está bem com a criança.

Sintomas de solidão, carência afetiva, gravidez da mãe, vermes, má higiene dos órgãos genitais, infecções urinárias ou irritação no órgão genital, situações de violência sexual devem ser observados e encaminhados a família e aos gestores quando ocorrer na escola e as instituições e órgãos competentes quando detectados que se tratam de situações que podem comprometer a saúde física e emocional da criança.

Fávero (2003, p.35), aborda sobre os Os jogos sexuais mais comuns são brincar de médico, papai e mamãe, casinha, guerrinha, namoro, mostrar os genitais, fazer cócegas, beijo, namoro, dramatização de filmes ou teatro onde há cenas de namoro, casamento, e as atividades realizadas de comum acordo por crianças jovens da mesma idade e limitada à exposição e contato nos genitais, que se estende por um curto período sobre estes jogos destaca-se a importância de refletir-se sobre as lembranças da infância e os sentimentos e emoções que essas lembranças ainda nos trazem, pois elas têm uma forte influência na forma como percebemos e reagimos diante de situações que envolvem esses tipos de manifestações da sexualidade infantil.

Suplicy, 1999; Fávero, 2003; Haffner, 2005), são saudáveis e importantes para o desenvolvimento psicosssexual das crianças, são satisfeitas as suas curiosidades, trabalhadas as fantasias e a imaginação e desenvolvidas habilidades importantes no seu processo e que estes jogos sexuais são muito comuns na fase em que as crianças estão no período da pré-escola. Em geral, eles são realizados em grupos mistos, justamente pela curiosidade que a criança tem em relação ao corpo diferente do seu. Esses jogos também acontecem entre crianças do mesmo sexo, por simples curiosidade, sem que isso tenha nenhuma conotação de homossexualidade e tampouco um desejo de satisfação erótica.

É importante, neste momento, mantermos a serenidade, convidarmos as crianças para se vestirem e conversar com elas calmamente, procurando compreender do que elas brincavam, procurem satisfazer a curiosidade da criança, mostrando-lhe as diferenças do corpo do menino e da menina por meio de livros, bonecos/as sexuados/as ou ainda aproveitar situações do contexto cotidiano (por exemplo, a hora do banho do bebê da sua casa, da casa da vizinha ou um/a primo/a, etc.) para conversar com a criança e mostrar as diferenças corpo do menino e da menina.

Os jogos Sexuais Sobre o beijo a criança sente-se atraída por esse tipo de simbologia que vê no ambiente familiar e na mídia e tende a repeti-la. O beijo na boca é uma expressão de carinho típica do adulto e, algumas vezes, imitada pelas crianças. Sobre o namoro, costuma acontecer por volta dos 5/6 anos, não tem o mesmo sentido do namoro adolescente ou adulto é mais um comportamento imitativo do adulto.

Crianças não namoram, não podemos desprezar nem supervalorizar a situação, apenas deixar que a criança viva esta fantasia dentro da sua realidade infantil em relação a nudez em família: - A nudez é uma coisa muito natural para a criança durante os 3 primeiros

anos de vida, elas não fazem julgamento moral acerca da nudez e tampouco exibem qualquer tipo de vergonha ou desconforto diante dela. Como aborda Suplicy (1999, p.28): “Use o bom senso: a casa não precisa ser transformada num campo de nudismo, mas também não é o caso de mandar fechar os olhos enquanto você se troca, trancar as portas...” A observação de como se sente diante da situação, se é confortável, não há problemas em tomar banho com a criança. Se não se sentir confortável, não force a situação. Em relação a chegada de um novo bebê, a criança deve ser a primeira a saber da notícia pelos pais é importante compreender as emoções contraditórias pelas quais a criança passa e saber lidar com elas. Aceitar com tranquilidade possíveis sentimentos de ódio, raiva, inveja, ciúmes; é importante que viva esses sentimentos e que possa expressá-los sem a condenação/repressão, é importante estarem atentos/as à “não expressão” dos sentimentos.

Em relação o quarto do casal, muitas questões são levantadas sobre até que idade a criança pode dormir no quarto do casal. Não há regras rígidas quanto à idade ideal para manter ou retirar a criança do quarto do casal. As vantagens da criança ser colocada para dormir no seu quarto, logo que o casal se sentir preparado e seguro para fazê-lo. Sob o ponto de vista do casal, favorece a espontaneidade sexual, consolida os momentos de privacidade e intimidade do casal, favorece a qualidade do sono, assegura a manutenção de espaço importante para resolução de conflitos do casal.

Sob o ponto de vista da criança, sendo elas crianças maiores, diminui os riscos de elaboração de fantasias que não lhes são benéficas; - contribui para o desenvolvimento de crianças mais seguras e independentes, permite que ela apreenda a noção de privacidade, favorece a qualidade do sono também para a criança, ao ter o seu espaço, a criança incute a noção de ordem, rotina e limites.

Compreende-se e reconhece a hierarquia familiar e os diferentes papéis existentes nesta hierarquia, existe unanimidade entre os/as autores/as no sentido de entenderem como desaconselhável que este tipo de situação faça parte da rotina da família, de vez em quando a cama do casal pode ser um momento de aconchego, em situações mais pontuais em que esta regra pode (e deve) ser quebrada, se a criança estiver doente, necessitando de cuidados especiais, em caso de luto, na perda de alguém muito próximo e querido da criança e é importante que ela se sinta acolhida e, em situações de calamidade, ou seja, caso a criança tenha presenciado situações de grande impacto e estresse para ela (acidentes, calamidades, assalto, etc.). Nesses momentos, ela necessita sentir-se segura e protegida.

Outra preocupação dos pais é em relação agir quando a criança surpreende o casal no ato sexual. Certamente que esta não é uma das melhores cenas a serem visualizadas nem por um adulto, imaginem por uma criança, por ser algo muito privado. É certamente uma situação desagradável e constrangedora para todas as pessoas envolvidas, mas nada que deixe traumas irreversíveis na criança e que não possa ser resolvido com carinho e tranquilidade, desde que, naturalmente, esta não seja uma situação frequente na vida da criança, controlar o susto, a vergonha ou mesmo a irritação que sente naquele momento e pedir delicada e carinhosamente para a criança que vá para o seu quarto, explicando-lhe que irão em seguida irão conversar com ela, deixá-la falar sobre o que ela viu, o que pensou a respeito da situação, como está se sentindo e o que está pensando sobre a situação.

A partir do que a criança disser, o casal deve explicar-lhe que não estavam brigando, mas sim se amando: essa forma de demonstrar amor só deve acontecer entre as pessoas adultas e que as crianças têm outras formas de expressar o amor que sentem umas pelas outras e aproveitar esse momento para realizar a ES dialógica, numa perspectiva emancipatória, ou seja, aproveitar para partilhar com a criança “os seus valores sobre amor, intimidade ou privacidade.

COISAS DE MENINO E COISAS DE MENINA AS QUESTÕES DE GÊNERO

Definindo conceitos: SEXO é o que nos define macho ou fêmea, menino ou menina. INTERSEXUAIS: Nem todas as crianças nascem com "essa biologia" definida: há crianças INTERSEXUAIS. São aquelas que nascem com ambiguidade biológica (ausência ou formação incompleta dos genitais). Isso torna difícil determinar, ao seu nascimento, se são meninos ou meninas. TRANSEXUAIS: São pessoas que, ao nascimento, NÃO apresentam nenhuma discordância biológica do seu SEXO (sua anatomia), mas NÃO se IDENTIFICAM com ele. Algumas buscarão alterar seus corpos e trocar de sexo e outras não buscarão a cirurgia de “redesignação sexual”, mas desejam ser reconhecidas como sendo do outro sexo. GÊNERO: são os significados sociais e culturais construídos a partir da identidade biológica: o masculino e o feminino. “A biologia define o sexo e a sociedade define o gênero”.

Furlani, J, esclarece que IDENTIDADE DE GÊNERO Sexo e gênero são identidades distintas e independentes: “homens femininos e mulheres masculinas”. Heterossexual, Travestis, Transexuais e

Transgênero Orientação sexual: Refere-se a orientação do desejo sexual de cada pessoa: heterossexuais, homossexuais, bissexuais e assexuais.

Haffner, (2005, p.50) afirma que até os 3 anos, a criança identifica claramente as diferenças entre meninos e meninas e “aprende a dividir o mundo em “masculino” e “feminino” Possíveis problemas advindos desse tipo de educação que registra marcas rígidas para o feminino e para o masculino são muitos e variados, e prejudicam a ambos os gêneros. Para as mulheres: altos índices de violência sexual, violência doméstica e de homicídios a quem são vítimas; às dificuldades em se posicionarem assertivamente diante de situações de agressões e de ameaças e de dizer não frente à situação de intimidade que não deseje; à defasagem no desenvolvimento da capacidade de uma competitividade saudável.

Para os homens: alto índice de violência a que estão sujeitos diariamente (suicídio, alcoolismo, situações de agressão física); a impossibilidade de desenvolverem e manifestarem sentimentos de docilidade, afetividade e mesmo de fragilidade a que estamos todos/as sujeitos, pois somos seres humanos; a dificuldade/resistência em cuidar de si e da sua saúde; dificuldades nos relacionamentos afetivos (parceiros possessivos, proibidores e autoritários), dentre outras.

Muitos pais preocupam-se questões, se o filho/a é homossexual são muito recorrentes por parte dos/as educadores/as e as afirmações que podemos fazer com absoluta certeza são que estas as questões que envolvem a diversidade sexual são bastante polêmicas e controversas e, por isso, é muito complexo e delicado fazer qualquer afirmação categórica acerca dela. Este é um campo em que a ciência já realizou grandes avanços, mas que, devido à sua complexidade, nenhuma teoria está cientificamente comprovada, além do que, novos resultados de pesquisas são constantemente atualizados.

Existem muitos estudos acerca das “causas da homossexualidade” com diferentes abordagens e resultados, alguns defendem a já ultrapassada noção de “desvio ou doença”, tem os/as que buscam na biologia a suas causas; - Outros/as tantos/as a compreendem como sendo resultado de uma série de fatores conjuntos (genético, psicológico, orgânico, religiosos, sociais etc.); - Outros/as alegam causas de traumas psicológicos (violência sexual, problemas na dinâmica familiar, etc.). - Nenhuma dessas teorias foi comprovada cientificamente e o que predomina ainda são os preconceitos e a desinformação acerca do assunto.

Dentre as poucas certezas comuns destacamos esta: falar de orientação sexual, mais do que falar apenas de um comportamento sexual, é falar também de sentimentos e de uma identidade que se desenvolve durante toda a vida. E se a criança perguntar o que responder? Os receios e inseguranças mais mencionados são: pensarem que têm poucos conhecimentos sobre estes assuntos, não saberem que palavras devem usar, temerem responder “a mais” do que aquilo que a criança poderia/deveria saber; sentirem-se desconfortáveis diante destes assuntos; • pensarem que podem “despertar” e/ou aumentar a curiosidade da criança sobre “assuntos impróprios” para esta idade, recearem que a criança comente com coleguinhas ou outras pessoas as conversas mantidas em casa, não terem clareza de quem deve responder às perguntas: o pai ou a mãe.

Segundo Nunes e Silva (1987), Suplicy (1999), Haffner (2005), Del Rio (2008) e Figueiró (2009), uma das razões pelas quais ainda há dificuldade por grande parte dos/as educadores/as em considerar a criança um ser sexuado e em realizar trabalhos intencionais de educação sexual com elas é o fato de confundirem os conceitos de sexualidade e sexo, reduzindo-os apenas aos órgãos genitais e às relações sexuais. A sexualidade engloba os órgãos sexuais e as relações sexuais, mas não se restringe a eles.

Para Haffner (2005, p.30), a sexualidade “abarca os conhecimentos, as crenças as atitudes, os valores e os comportamentos sexuais do indivíduo”. Para Del Rio (2010, p. 7.): A sexualidade envolve toda a pessoa, é o modo próprio de ver, sentir e viver o facto de sermos sexuados (sermos homem ou mulher), a forma como nos relacionamos com o/a companheiro/a, com um familiar, com um amigo ou amiga, a relação como homens e mulheres que somos. Nunes (1987) vem contribuir com estas afirmações, observando que as relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores e que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes.

Os professores diante da situação têm ainda mais um agravante do receio da reação da família. Não é necessário ser “um/a especialista” nesses assuntos para responder às perguntas das crianças. O mais importante nessas situações é a criança perceber que “somos perguntáveis”, porém ao respondermos as perguntas das crianças, é interessante termos em consideração que, geralmente, a criança já viu ou ouviu alguma coisa relacionada com aquilo que ela está perguntando. Uma estratégia interessante é devolver a pergunta para a criança e perceber o que ela realmente já sabe/ouviu sobre o assunto ou para identificar com mais clareza o que ela deseja saber.

Não se preocupe se responder “a mais”, pois a criança irá assimilar apenas aquilo que lhe interessa e que tem capacidade de abstrair. Para assegurar-se de que não respondeu “a menos”, pergunte se ela compreendeu, se tem mais alguma dúvida, se gostaria de perguntar mais alguma coisa. Aproveitar para elogiar a pergunta que a criança lhe fez, isso ajudará a fortalecer a relação de confiança, os vínculos e abrirá espaços para o diálogo entre o professor e a criança.

A preocupação de alguns pais e mães com o fato da criança contar nos espaços sociais que ela frequenta (escola, família) as conversas que a família tem acerca dos assuntos que envolvem o sexo e a sexualidade, e que podem ir de encontro ao que outras pessoas/famílias pensam não é pertinente. O receio de que falar sobre “estes assuntos” com as crianças (ou com os/as jovens) desperta a curiosidade sobre o assunto, fazendo inclusive com que antecipem a vivência sexual, não procede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe dificuldade, de um adulto falar sobre sexualidade com crianças. O fato de ser educador profissional não faz dele um ser isento das regras, valores, comportamentos, crenças, medos e tabus que existem na sociedade como um todo. Ele também é um produto da história. Contudo, o que pode diferenciá-lo neste contexto e torná-lo um sujeito, é a capacidade de refletir sobre essa e outras questões que envolvem o fazer pedagógico. Negar a existência de um problema é um indício de que o mesmo será perpetuado e naturalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BOFF, L. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. [Volume 3: Conhecimento de mundo]. Disponível em: . Acesso em: 12 out. 2018.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 148 p. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 184 p.

_____. Os fundamentos teóricos e metodológicos da psicologia do conhecimento. In: FÁVERO, M. H.; CUNHA, C. da (Orgs.). **Psicologia do Conhecimento. O diálogo entre as ciências e a cidadania**. Brasília: Unesco/ Liber Livro, 2009. p. 9-20.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola**: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

HAFFNER, D. W. **A criança e a educação sexual**. Lisboa: Editorial Presença, 2005. 204p.

NUNES, César A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987. 141p.

_____. **Filosofia, sexualidade e educação**. As relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação: Unicamp, 1996.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

NUNES, C.; SILVA, E. A. da. **As manifestações da sexualidade da criança**: desafios teóricos e subsídios didáticos para pais e educadores. Campinas, SP: Século XXI, 1997. 151p.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 20. ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

Recebido em: 22/10/2018

Aceito em: 20/11/2018